

# JULIO CORTÁZAR

## Os Prémios



cavalo de ferro

## ÍNDICE

PRÓLOGO .....	11
PRIMEIRO DIA .....	105
SEGUNDO DIA .....	257
TERCEIRO DIA .....	361
EPÍLOGO .....	403
NOTA .....	425

*Que faz um autor com as pessoas comuns, absolutamente comuns? Como apresentá-las aos seus leitores e como torná-las interessantes? É impossível deixá-las sempre fora da ficção, pois as pessoas comuns são constantemente a chave e o elo essencial na cadeia dos assuntos humanos; se as supirmos perde-se toda a probabilidade de verdade.*

DOSTOIEVSKI, *O Idiota*, IV, 1

## PRÓLOGO

## I

*A marquesa saiu às cinco, pensou Carlos López. Onde diabo é que eu li isto?*

Estava no London da Perú e da Avenida; eram cinco e dez. A marquesa saiu às cinco? López abanou a cabeça para desmontar aquela memória incompleta e provou a sua *Quilmes Cristal*. Não estava suficientemente fria.

– Quando uma pessoa é afastada dos seus hábitos fica como peixe fora de água – disse o doutor Restelli, olhando para o seu copo. – Estou muito habituado ao mate doce das quatro, sabe? Repare naquela senhora que está a sair do metro, não sei se consegue vê-la, há tantos transeuntes. Está ali, estou a referir-me à loira. Encontraremos viajantes tão loiras e frágeis no nosso simpático cruzeiro?

– Improvável – disse López. – As mulheres mais bonitas viajam sempre num outro barco, é uma fatalidade.

– Ah, juventude céptica – disse o doutor Restelli. – Eu já passei a idade das loucuras, embora, claro, faça as minhas tropelias de vez em quando. No entanto, conservo todo o meu optimismo e, assim como guardei na mala de viagem três garrafas de grapa da Catamarca, também tenho quase a certeza de que iremos usufruir da companhia de raparigas bonitas.

– Isso logo se vê, se é que vamos viajar – disse López. – A propósito de mulheres, vem aí uma digna de o fazer virar a cabeça uns setenta graus para a Florida. Isso... *stop*. É a que está a falar com o homem de cabelo solto. Tem todo o ar de quem vai embarcar connosco, mas raios me partam se eu sei qual é o ar de quem vai embarcar connosco. E se bebêssemos outra?

O doutor Restelli aprovou com agrado. López pensou que, com o pescoço esticado e a gravata de seda azul às pintas,

lhe fazia lembrar uma tartaruga. Usava uns *pince-nez* que comprometiam a disciplina na escola oficial onde ele ensinava História da Argentina (e López Castelhana), dando origem com a sua presença e a sua docência a diversas alcunhas que iam desde «Gato Preto» a «Besouro». *E a mim, que alcunhas me terão posto?*, pensou López hipocritamente; estava certo de que os rapazes se contentavam em chamar-lhe «o-López-da-gramática» ou coisa do género.

– Bonita criatura – opinou o doutor Restelli. – Não era nada mau se ela se juntasse ao cruzeiro. Pode ser do ar salgado e das noites nos trópicos, mas tenho de confessar que me sinto consideravelmente estimulado. À sua, colega e amigo.

– À sua, doutor e co-agraciado – disse López, dando uma visível razia na sua cerveja.

O doutor Restelli apreciava (com reservas) o seu colega e amigo. Nas reuniões de professores, costumava discordar das fantasiosas notas propostas por López, empenhado em defender uns quantos preguiçosos incorrigíveis e outros menos preguiçosos, mas amigos de copiar, nas provas escritas ou de ler o jornal a meio da batalha de Vilcapugio (como se não fosse lixado explicar com alguma dignidade as tarefas que os espanhóis deram a Belgrano). Mas à parte o facto de ser um pouco boémio, López portava-se como um colega excelente, sempre disposto a reconhecer que os discursos do 9 de Julho tinham de ser proferidos pelo doutor Restelli, que acabava modestamente por se render às solicitações do doutor Guglielmetti e à pressão tão cordial como imerecida da sala de professores. Apesar de tudo, era uma sorte que tivesse sido López a acertar na Lotaria Turística e não o preto Gómez ou a professora de inglês do nono ano. Com López era possível entender-se, embora às vezes visse nele um liberalismo excessivo, quase um esquerdismo reprovável, e isso não podia admitir a ninguém. Mas, em contrapartida, gostava de mulheres e de corridas.

– *Justo a los catorce abriles te entregastes a la farra y las delicias del gotán*<sup>1</sup> – cantarolou López. – Porque é que comprou um bilhete de lotaria, doutor?

– Cedi perante a insistência da senhora Rébora, meu amigo. Você sabe como ela é quando teima. A si também o incomodou muito? Claro que agora até lhe agradecemos, verdade seja dita.

– A mim, massacrou-me o espírito durante cerca de oito recreios – disse López. – É impossível uma pessoa concentrar-se no suplemento hípico com uma melga daquelas. E o mais curioso é que não percebo qual era o interesse dela. É uma lotaria como outra qualquer, em princípio.

– Ah, isso não. Você desculpe. Era uma tiragem especial, totalmente diferente.

– Mas porque é que a madame Rébora estava a vender bilhetes de lotaria?

– Supõe-se – disse misteriosamente o doutor Restelli – que a venda dessa tiragem se destinava a um certo público, digamos assim, selecionado. Provavelmente o Estado apelou, como em momentos históricos, à participação benevolente das nossas senhoras. Também não seria correcto se os vencedores tivessem de conviver com pessoas de, digamos assim, baixo nível.

– Digamos assim – concordou López. – Mas o senhor esquece-se que os vencedores têm direito a levar para a festa até três membros da família.

– Meu caro colega, se a minha falecida esposa e a minha filha, casada com esse rapaz Robirosa, me pudessem acompanhar...

– Claro, claro – disse López. – Você é diferente. Mas oiça, porque é que havemos de estar com rodeios: se eu enlouquecesse e convidasse a minha irmã, por exemplo, ia ver como o nível baixava, para usar as suas próprias palavras.

– Não acredito que a senhora sua irmã...

<sup>1</sup> «Exactamente aos catorze anos entregaste-te à farra e às delicias do tango». Versos de Pascual Contursi em *Flor de Tango*. [N. da T.]

– Ela também não acreditaria – disse López. – Mas garanto-lhe que é daquelas pessoas que dizem «O quê?» e acham que «vomitar» é um palavrão.

– Realmente, é um termo um pouco forte. Eu prefiro «regurgitar».

– Já ela, tem mais tendência para dizer «devolver» ou «bolçar». E que me diz do nosso aluno?

O doutor Restelli passou da cerveja para um aborrecimento visível. Nunca compreenderia como é que a senhora Rébora, chata, mas nada parva e que, ainda por cima, ostentava um apelido de certa linhagem, se tinha deixado arrastar pela mania de vender a lotaria e se sujeitara a oferecê-la aos alunos dos cursos mais avançados. Graças a um triste golpe de sorte, apenas visto em alguns relatos, talvez apócrifos, do Casino de Monte Carlo, para além de si e de López, o aluno Felipe Trejo também ganhara o prémio, o pior da sua turma e autor mais do que provável de certos ruídos surdos que se faziam ouvir na aula de História da Argentina.

– Acredite, López, esse salafrário não devia ser autorizado a embarcar. É menor de idade, entre outras coisas.

– Não só embarca como ainda traz a família – disse López. – Contou-me um jornalista meu amigo que andou a entrevistar os poucos vencedores que conseguiu encontrar.

Pobre Restelli, pobre venerável Gato Preto. A sombra do liceu Nacional seguiu-lo durante toda a viagem, se é que iam viajar, e o riso metálico do aluno Felipe Trejo estragou-lhe as tentativas de *flirt*, o cortejo de Neptuno, o gelado de chocolate e o exercício de salvamento, sempre tão divertido. *Se ele soubesse que eu bebi uma cerveja com o Trejo e o seu grupo na Praça Once, e que é graças a eles que sei do Besouro e do Gato Preto... O pobre coitado tem uma ideia tão estática do professorado.*

– Isso pode ser um bom sintoma – disse o doutor Restelli esperançoso. – A família impõe moderação. Não acha? Claro, tem de achar.

– Observe – disse López – aquelas gémeas, ou quase, que estão a vir da rua Perú. Ali, a atravessar a Avenida. Está a vê-las?

– Não sei – disse o doutor Restelli. – Uma de branco e outra de verde?

– Exactamente. Sobretudo, a de branco.

– Está bem. Sim, a de branco. Hum, boas coxas. Talvez um pouco apressada no andar. Virão para o encontro?

– Não, doutor, vê-se que estão a passar ao largo.

– Que pena! Digo-lhe que tive uma amiga assim, em tempos. Muito parecida.

– Com a de branco?

– Não, com a de verde. Nunca me esquecerei que... Isto a si não lhe interessa. Sim? Então, mais uma cervejinha, ainda falta meia hora para o encontro. Olhe, a rapariga era de boas famílias e sabia que eu era casado. Mas vou abreviar a história e digo-lhe apenas que se atirou para os meus braços. Foram umas noites, meu amigo...

– Nunca duvidei do seu Kama Sutra – disse López. – Mais cerveja, Roberto.

– Os senhores têm uma sede incrível – disse Roberto. – Vê-se que está humidade. Vem no jornal.

– Se vem no jornal é porque é verdade – disse López. – Já começo a perceber quem serão os nossos companheiros de viagem. Têm a mesma cara que nós, entre bem-dispostos e desconfiados. Olhe um pouco, doutor, vai ver que descobre.

– Porquê desconfiados? – perguntou o doutor Restelli. – Esses rumores são totalmente infundados. Verá que levantamos âncora exactamente como diz no verso do bilhete. O sorteio tem o aval do Estado, não é uma tómbola qualquer. Foi vendido nos melhores círculos e seria uma loucura imaginar qualquer irregularidade.

– Admiro a sua confiança na ordem burocrática – disse López. – Vê-se que corresponde à sua própria ordem interior, digamos assim. Já eu sou como um vendedor ambulante,

nunca tenho a certeza de nada. Não é que desconfie da Lotaria, embora tenha várias vezes pensado se não acabaria como o *Gelria*.

– O *Gelria* era coisa de agências, provavelmente judias – disse Restelli. – Até o nome, pensando bem... Não é que eu seja anti-semita, tenho de sublinhar isso, mas já há anos que venho a reparar na infiltração dessa raça tão meritória, se quiser, por outras razões. À sua.

– À sua – disse López, controlando a vontade de rir.

A marquesa sairia realmente às cinco? Pela porta da Avenida de Mayo entravam e saíam as pessoas de sempre. López aproveitou uma meditação provavelmente etnográfica do seu interlocutor para observar tudo ao pormenor. As mesas estavam quase todas ocupadas, mas só em algumas imperava o ar dos presumíveis passageiros. Um grupo de raparigas provocava, com a habitual confusão, tropeços, risos e olhares nos potenciais críticos ou admiradores. Entrou uma senhora acompanhada de várias crianças e dirigiu-se para a pequena sala com toalhas de mesa de cores suaves, onde outras senhoras e casais afáveis consumiam refrescos, empadas ou, no máximo, uma cerveja. Entrou um rapaz (e sim, esse sim) com uma rapariga muito bonita (e oxalá que sim) e sentaram-se perto. Estavam nervosos, olhavam-se com uma falsa naturalidade que as mãos, enlaçadas com as carteiras e os cigarros, desmentiam. Lá fora, a Avenida de Mayo insistia na desordem de sempre. Apregoava-se a quinta edição, um altifalante anunciava qualquer coisa. Havia a luz excessiva do Verão às cinco e meia (hora falsa, como tantas outras, adiantadas ou atrasadas) e uma mistura de cheiros a gasolina, alcatrão quente, água-de-colónia e serradura molhada. López estranhou que, a dado momento, a Lotaria Turística lhe tivesse parecido inaceitável. Só uma longa tradição portenha – para não ir mais longe, para não se pôr com metafísicas – podia considerar como aceitável o espectáculo que o rodeava e incluía. A mais caótica hipótese do caos não resistia à presença daquela desordem a trinta

e três graus à sombra, àquelas andanças e contra-andanças, aos chapéus e pastas, aos polícias e à *Razón Quinta*<sup>2</sup>, aos grupos e à cerveja, tudo enfiado numa fracção de tempo e tudo a mudar vertiginosamente para a fracção seguinte. A mulher de saia vermelha e o homem de casaco aos quadrados cruzaram-se à distância de dois ladrilhos no momento em que o doutor Restelli levava a cerveja à boca, e a rapariga lindíssima (sem dúvida que o era) puxava do seu *bâton*. Agora, os transeuntes viravam costas uns aos outros, o copo baixava lentamente e o *bâton* escrevia a curva palavra de sempre. A quem, a quem poderia a Lotaria parecer estranha?

## II

- Dois cafés – pediu Lucio.
  - E um copo de água, por favor – disse Nora.
  - Trazem sempre água com o café – disse Lucio.
  - É verdade.
  - Além disso, nunca a bebes.
  - Hoje tenho sede – disse Nora.
  - Sim, está calor aqui – disse Lucio, mudando de tom.
- Inclinou-se sobre a mesa. – Estás com um ar cansado.
- Pudera, com a bagagem e as diligências.
  - Falar em diligências quando se fala em bagagem fica estranho – disse Lucio.
  - Fica.
  - Estás cansada, não estás?
  - Estou.
  - Esta noite vais dormir bem.
  - Espero que sim – disse Nora.
- Como sempre, Lucio dizia as coisas mais inocentes num tom que ela tinha aprendido a decifrar. Provavelmente não dormiria

<sup>2</sup> Tango de 1922, da autoria de Eduardo Bianco. [N. da T.]

bem nessa noite, já que seria a sua primeira noite com Lucio. A sua segunda primeira noite.

– Bonitona – disse Lucio acariciando-lhe a mão. – Bonitona, bonitinha.

Nora lembrou-se do hotel de Belgrano, da primeira noite com Lucio, mas não queria lembrar-se, preferia esquecer-se um pouco menos.

– Tontinho – disse Nora.

O *bâton* para retocar estaria no *nécessaire*?

– O café é bom – disse Lucio. – Achas que em tua casa não deram por nada? Não é que eu me importe, mas para evitar confusões.

– A minha mãe julga que eu fui ao cinema com a Mocha.

– Amanhã vão fazer um barulho dos diabos.

– Já não podem fazer nada – disse Nora. – E pensar que me fizeram uma festa de anos... Vou pensar no meu pai, sobretudo. O meu pai não é mau, mas a minha mãe faz o que quer dele, e dos outros.

– Está cada vez mais calor aqui dentro.

– Estás nervoso? – perguntou Nora.

– Não, mas gostava que embarcássemos de uma vez por todas. Não achas estranho obrigarem-nos a vir para aqui primeiro? Espero que nos levem para o porto de automóvel?

– Quem serão os outros? – disse Nora. – Aquela senhora de preto, tu achas?

– Não, alguma vez aquela senhora ia viajar?! Talvez aqueles dois que estão ali a conversar naquela mesa.

– Tem de ser muito mais gente, pelo menos uns vinte.

– Estás um pouco pálida – disse Lucio.

– É do calor.

– Ainda bem que vamos descansar até nos fartarmos – disse Lucio. – Gostava que nos dessem uma cabine boa.

– Com água quente – disse Nora.

– Sim e com uma ventoinha e uma escotilha. Uma cabine exterior.

– Porque é que dizes cabine e não dizes camarote?

– Não sei. Camarote... Na verdade cabine é mais bonito. Camarote parece uma cama barata ou uma coisa do género. Eu disse-te que os rapazes do escritório queriam vir despedir-se de nós?

– Despedir-se de nós? – perguntou Nora. – Mas como? Quer dizer que eles sabem?

– Bom, despedir-se de mim – disse Lucio. – Saber não sabem. Eu só falei com o Medrano, no clube. É de confiança. Lembra-te que ele também vem, foi melhor contar-lhe antes.

– Olha que ter-lhe saído a ele também – disse Nora. – Não é incrível?

– A senhora Apelbaum ofereceu-nos o mesmo número. Parece que as outras fracções foram distribuídas para os lados do Boca. Não sei. Porque é que tu és tão bonita?

– São coisas – disse Nora, deixando que Lucio lhe pegasse na mão e a apertasse.

Como acontecia sempre que ele lhe falava muito perto, de forma indagadora, Nora encolhia-se com cuidado, cedendo apenas um pouco para não o preocupar. Lucio olhou para a sua boca que sorria, deixando o espaço exacto para revelar uns dentes muito brancos e pequenos (mais atrás havia um de ouro). Se lhes dessem uma boa cabine nessa noite, se nessa noite Nora descansasse bem. Havia tanta coisa para apagar (mas não havia nada, o que havia para apagar era esse nada insensato a que ela se agarrava). Viu Medrano entrar pela porta da rua Florida, misturado com uns tipo que pareciam seus amigos e uma senhora com uma blusa bordada. Quase aliviado levantou o braço. Medrano reconheceu-o e dirigiu-se a eles.

### III

O metro não é nada mau quando está calor. Desde Loria até Perú são dez minutos para refrescar e dar uma vista de olhos

ao *Crítica*. O problema tinha sido pirar-se sem que Bettina fizesse muitas perguntas, mas Medrano inventou uma reunião dos finalistas de 1935, um jantar no Loprete precedido por um vermute num sítio qualquer. Já tinha inventado tanta coisa desde que fora o sorteio da Lotaria que a última e quase frágil mentira nem merecia ser referida.

Bettina tinha ficado na cama, nua e com a ventoinha na mesa-de-cabeceira, a ler Proust numa tradução de Menasché. Tinham feito amor a manhã toda, com intervalos para dormir e beber *whisky* ou *Coca Cola*. Depois de comer um frango frio, tinham debatido o valor da obra de Marcel Aymé, os poemas de Emilio Ballagas e a cotação das águias mexicanas. Às quatro horas Medrano enfiou-se no duche e Bettina abriu o volume de Proust (tinham feito amor mais uma vez). No metro, observando com um interesse compadecido um estudante que se esforçava por parecer durão, Medrano fez uma revisão mental das actividades do dia e pareceram-lhe bem. Já podia começar o sábado.

Olhava para o *Crítica* mas ainda pensava em Bettina, um pouco admirado por ainda estar a pensar em Bettina. A carta de despedida (gostava de chamar-lhe carta póstuma) tinha sido escrita durante a noite anterior, enquanto Bettina dormia com um pé fora do lençol e o cabelo nos olhos. Ficava tudo explicado (salvo, claro, tudo o que ela se lembrasse de pensar para o contradizer), as questões pessoais estavam bem liquidadas. Com Susana Daneri tinha terminado da mesma maneira, sem sequer sair do país como ia fazer agora; cada vez que se encontrava com Susana (sobretudo nas exposições de pintura, inevitáveis em Buenos Aires) ela sorria-lhe como a um velho amigo e não deixava transparecer nem rancor nem nostalgia. Imaginou-se a entrar no Pizarro e a dar de caras com Bettina, sorridente e amigável. Embora estivesse apenas sorridente. Mas o mais provável era que Bettina voltasse para Rauch, onde tinha ingenuamente à sua espera a família e duas turmas de língua oficial.

– *Doctor Livingstone, I suppose* – disse Medrano.

– Apresento-te o Gabriel Medrano – disse Lucio. – Sente-se, vá, e beba qualquer coisa.

Apertou a mão um tanto tímida de Nora e pediu um *Martini* seco. Nora achou-o mais velho do que seria de esperar de um amigo de Lucio. Devia ter pelo menos quarenta anos, mas ficava-lhe tão bem o fato de seda italiana, a camisa branca. Lucio nunca aprenderia a vestir-se assim, mesmo que tivesse dinheiro.

– Que lhe parece toda esta gente? – disse Lucio. – Estivemos a tentar adivinhar quem é que vai viajar. Creio que saiu uma lista nos jornais, mas não a tenho.

– A lista por acaso era muito incompleta – disse Medrano. – Além de mim, omitiram mais dois ou três que quiseram evitar publicidade ou catástrofes familiares.

– E ainda há os acompanhantes.

– Ah, sim! – disse Medrano, e pensou em Bettina a dormir.

– Bom, para já estou ali a ver o Carlos López com um senhor de bom aspecto. Conhecem-nos?

– Não.

– O López costumava ir ao clube até há uns três anos, conheço-o dessa altura. Deve ter sido um pouco antes de você entrar. Vou averiguar se está de partida.ço-o dessa altura. Deve ter sido pouco antes de você entrar. Vou averiguar se ele é dos que partem.

López estava de partida, cumprimentaram-se muito animados por se encontrarem de novo naquela circunstância. López apresentou-o ao doutor Restelli, que disse que lhe parecia conhecer a cara de Medrano. Medrano aproveitou o facto da mesa do lado ter vagado para chamar Nora e Lucio. Tudo isto demorou o seu tempo porque no *London* não é fácil uma pessoa levantar-se e mudar de lugar sem provocar uma notória barafunda entre os empregados. López chamou Roberto e Roberto grunhiu, mas ajudou a fazer a mudança e embolsou um peso sem agradecer. Os jovens de ar provocador começavam

a fazer-se ouvir e exigiam uma segunda cerveja. Não era fácil conversar àquela hora em que toda a gente tinha sede e entrava no *London* com esforço, trocando a última golfada de oxigénio pela duvidosa compensação de uma cerveja ou de uma água tónica. Já não havia muita diferença entre o bar e a rua; na Avenida subia e descia agora uma multidão compacta com embrulhos e jornais e pastas, sobretudo pastas de todas as cores e feitios.

– Resumindo – disse o doutor Restelli –, se bem compreendi todos nós vamos ter o prazer de conviver neste agradável cruzeiro.

– Vamos – disse Medrano. – Mas, apesar disso, temo que parte deste grupo popular que se encontra aqui à esquerda se venha a juntar a nós.

– Acha? – perguntou López, bastante preocupado.

– Têm uma pinta de bandidos que não me agrada nada – disse Lucio. – Num estádio de futebol uma pessoa confraterniza, mas num barco...

– Nunca se sabe – disse Nora, que se sentiu obrigada a dar um toque de modernidade –, pode ser que sejam simpáticos.

– Entretanto – disse López –, há uma rapariga de aspecto modesto que parece querer juntar-se ao grupo. Sim, é isso. Acompanhada de uma senhora vestida de preto, que transpira virtudes.

– É mãe e filha – disse Nora, infalível nessas coisas. – Meu Deus, que roupa que elas trazem.

– Isso põe fim às nossas dúvidas – disse López. – Vão partir e haverão de chegar, se é que partimos e chegamos.

– A democracia... – disse o doutor Restelli, mas a sua voz perdeu-se numa gritaria proveniente da boca do metro.

Os jovens com mau ar pareceram reconhecer os sinais tribais, já que dois deles responderam de imediato, um com um grito proferido uma oitava acima e outro enfiando os dedos na boca e emitindo um assobio horripilante.

– ... de contactos lamentavelmente inferiores – concluiu o doutor Restelli.

– Exactamente – disse educadamente Medrano. – Se não for assim, uma pessoa nem sabe por que razão embarca.

– Desculpe?

– Sim, que necessidade é que nós temos de embarcar?

– Bom – disse López –, suponho que sempre será mais divertido do que ficar em terra. Pessoalmente agrada-me ter ganho uma viagem por dez pesos. Não se esqueça que aquilo da licença automática com o vencimento garantido já é um prémio considerável. Não se pode perder uma coisa dessas.

– Reconheço que não é de desprezar – disse Medrano. – Pela parte que me toca, o prémio serviu-me para fechar o consultório e não ter de ver incisivos cariados por uns tempos. Mas têm de admitir que esta história... Por duas ou três vezes tive a impressão de que isto vai acabar de uma maneira... Bom, escolham vocês o adjectivo, que é sempre a parte mais opcional das frases.

Nora olhou para Lucio.

– Eu acho que está a exagerar – disse Lucio. – Se uma pessoa recusasse os prémios com medo das aldrabices...

– Não me parece que o Medrano esteja a pensar em aldrabices – disse López. – É mais uma coisa que paira, uma espécie de brincadeira, mas a um nível por assim dizer sublime. Reparem que acaba de entrar uma senhora com uma fatiota... enfim, não lhe falta segurança. E ali, doutor, acaba de se instalar o nosso aluno Trejo com a sua querida família. Este café está a ficar cada vez mais transoceânico.

– Nunca compreenderei como é que a senhora Rébora pôde vender cautelas aos alunos, e sobretudo a esse – disse o doutor Restelli.

– Está cada vez mais calor – disse Nora. – Por favor, pede-me um refresco.

– A bordo já ficamos bem, vais ver – disse Lucio, agitando um braço para atrair Roberto que andava ocupado com a crescente mesa dos jovens entusiastas, onde se faziam pedidos tão extravagantes como *cappuccinos*, *submarinos*,

sanduíches de chouriço e garrafas de cerveja preta, artigos desconhecidos no estabelecimento ou pelo menos insólitos àquela hora.

— Sim, suponho que estará mais fresco — disse Nora, olhando para Medrano com receio. Continuava preocupada com o que ele tinha dito, ou talvez fosse uma forma de ultrapassar a preocupação através de algo conversável e comunicável. Doía-lhe um pouco a barriga, talvez tivesse de ir à casa de banho. Que desagradável ter de levantar-se diante de todos aqueles homens. Mas talvez conseguisse aguentar. Sim, conseguia. Era uma dor muscular. Como seria o camarote? Com duas camas muito pequenas, uma em cima da outra. Ela gostaria de ficar na de cima, mas Lucio iria vestir o pijama e subiria também para a cama de cima.

— Já viajou no mar, Nora? — perguntou Medrano. Ficava-lhe muito bem tê-la chamado logo pelo nome. Via-se que não era tímido com as mulheres. Não, nunca tinha viajado, excepto uma excursão que fizera no delta, mas isso, claro... E ele, tinha viajado? Sim, um pouco, na juventude (como se já fosse velho). Na Europa e nos Estados Unidos, congressos odontológicos e turismo. O franco a dez centavos, imaginem.

— Aqui é uma sorte estar tudo pago — disse Nora, e teve vontade de morder a língua. Medrano olhava-a com simpatia, mas além disso notava-se nele aquela perspicácia de buenaiense que não perde uma. Se toda a gente fosse tão simpática como eles os dois, a viagem valeria a pena. Nora sorveu um pouco de groselha e espirrou. Medrano e López continuavam a sorrir, protegendo-a, e Lucio olhava para ela quase como se quisesse defendê-la de tanta simpatia. Um pombo branco pousou por um instante na grade da entrada do metro. Rodeado por toda aquela gente que subia e descia a Avenida, continuava indiferente e alheio. Começou a voar com a mesma aparente falta de motivo com que tinha pousado. Pela porta da esquina, entrou uma mulher com uma criança pela mão. *Mais crianças*, pensou López. E esta de certeza que vai viajar, se viajarmos.

Já são quase seis horas, hora dos esclarecimentos. Acontece sempre qualquer coisa às seis.

#### IV

– Aqui deve haver gelados bons – disse Jorge.

– Tu achas? – disse Claudia, olhando para o filho com ar de conspiração.

– Acho. De limão e chocolate.

– Isso é uma mistura horrível, mas se gostas...

As cadeiras do *London* eram particularmente incómodas, tinham a pretensão de querer manter o corpo numa vertical implacável. Claudia estava cansada de preparar as malas, à última hora tinha descoberto que faltavam imensas coisas, e Persio tivera de ir a correr comprá-las (felizmente o pobre coitado não tinha tido muito trabalho com a sua própria bagagem, que parecia destinar-se a um piquenique) enquanto ela acabava de fechar o apartamento, escrevia uma dessas cartas que se escrevem a correr quando de repente faltam todas as ideias e até os sentimentos... Mas agora descansaria até se cansar. Já há muito tempo que precisava de descansar. *Há muito tempo que precisava de me cansar para depois descansar*, corrigiu-se, brincando desinteressadamente com as palavras. Persio não tardaria a aparecer, em cima da hora tinha-se lembrado de uma coisa que faltava fechar na sua misteriosa sala em Chacarita, onde juntava livros de ocultismo e prováveis manuscritos que não seriam publicados. Pobre Persio, a ele sim fazia-lhe falta o descanso, era uma sorte as autoridades terem permitido que Claudia (com a ajuda de um telefonema do doutor León Lewbaum ao engenheiro Fulano de Tal) declarasse Persio como parente afastado e o embarcasse quase como contrabando. Mas se alguém merecia aproveitar a Lotaria era Persio, incansável corrector de provas na Kraft, ocupante de casas vazias a oeste da cidade, caminhante noctívago do porto e das ruas do bairro

Flores. *Aproveitará melhor do que eu esta viagem louca*, pensou Claudia, olhando para as unhas. *Pobre Persio*.

O café fê-la sentir-se melhor. De maneira que ia de viagem com o filho, levando por arrasto um velho amigo transformado em falso familiar. Ia porque tinha ganho o prêmio, porque o ar do mar faria bem a Jorge, porque a Persio faria ainda melhor. Voltava a pensar nas frases, repetia: de maneira que... deu um gole de café, distraíndo-se e recomeçando. Não lhe era fácil entrar naquilo que lhe estava a acontecer, no que ia começar a acontecer-lhe. Entre partir por três meses ou para toda a vida não havia grande diferença. Que importância tinha? Não era feliz, não era infeliz, esses extremos que resistem às mudanças violentas. O marido continuaria a pagar a pensão de Jorge em qualquer parte do mundo. Ela tinha os seus rendimentos, mercado negro sempre útil quando era preciso, os cheques de viagem.

– Estas pessoas vêm todas connosco? – disse Jorge, regressando aos poucos do gelado.

– Não. Podemos começar a adivinhar, se quiseres. Eu digo que aquela senhora de cor-de-rosa vai.

– Achas que sim? É muito feia.

– Está bem, não a levamos. Agora tu.

– Aqueles senhores naquela mesa lá ao fundo, com aquela rapariga.

– Pode muito bem ser. Parecem simpáticos. Trouxeste um lenço?

– Sim, mãe. Mãe, o barco é grande?

– Suponho que sim. É um barco especial, parece.

– Ninguém o viu?

– Talvez, mas não é um barco conhecido.

– Então pode ser feio – disse Jorge com um ar melancólico. – Toda a gente conhece os bonitos. Persio, Persio! Mamã, está ali o Persio.

– O Persio pontual – disse Claudia. – É caso para pensar que a Lotaria está a corromper os costumes.

- Persio, aqui! O que é que me trouxeste, Persio?
- Notícias do astro – disse Persio, e Jorge olhou para ele, feliz, e ficou à espera.

## V

O aluno Felipe Trejo estava muito interessado no que se passava na mesa ao lado.

– Já percebeu – disse ele ao pai, que limpava o suor com a maior elegância possível. – De certeza que parte destes gajos vão embarcar connosco.

– Não consegues falar bem, Felipe? – queixou-se a senhora Trejo. – Quando é que este rapaz aprende a ter maneiras?

Beba Trejo discutia problemas de maquilhagem com o espelho que aproveitava para usar como periscópio.

– Está bem, estes tipos – cedeu Felipe. – Já percebeu? Mas é que eles são do Abasto.

– Não me parece que viagem connosco – disse a senhora Trejo. – Talvez aquele casal que está na mesa e a senhora, que deve ser mãe da rapariga.

– São vulgaríssimos – disse Beba.

– São vulgaríssimos – imitou Felipe.

– Não sejas estúpido.

– Olhem só a duquesa de Windsor. Tem a mesma cara, não há dúvida.

– Então, crianças?! – disse a senhora Trejo.

Felipe tinha uma consciência orgulhosa da sua súbita importância e usava-a com cuidado para não a esgotar. À irmã, sobretudo, tinha de pô-la nos eixos e de lhe cobrar tudo o que lhe fizera antes de ganhar o prémio.

– Nas outras mesas há pessoas com bom aspecto – disse a senhora Trejo.

– Gente bem vestida – disse o senhor Trejo.

*São meus convidados*, pensou Felipe com vontade de gritar de alegria, *o meu velho, a minha velha e esta merda. Faço o que me apetece, agora*. Dirigiu-se às pessoas da outra mesa e esperou que algum deles olhasse para ele.

– Por acaso os senhores vão fazer a viagem? – perguntou a um negro de camisa às riscas.

– Eu não, rapaz – disse o negro. – Este jovem que está com a mãe, e a rapariga que também está com a mãe.

– Ah! Vocês vieram despedir-se.

– Isso mesmo. E você vai viajar?

– Vou, com a minha família.

– Tem sorte, jovem.

– O que é que se há-de fazer? – disse Felipe. – Se calhar você ganha da próxima vez.

– Claro, é isso mesmo.

– De certeza.

## VI

– E também te trago novidades do octopato – disse Persio. Jorge apoiou os cotovelos na mesa.

– Encontre-o debaixo da cama ou na banheira? – perguntou.

– Em cima da máquina de escrever – disse Persio. – O que é que achas que ele estava a fazer?

– A escrever à máquina.

– Que criança inteligente – disse Persio a Claudia. – Claro que estava a escrever à máquina. Tenho aqui o papel, vou ler-te um bocadinho. Diz assim: «Vai viajar e deixa-me aqui como uma madeira velha. E o octopato, coitado, fica à espera dele sentado.» Assinado. «O octopato, com um carinho e um ralhete».

– Coitado do octopato – disse Jorge. – O que é que ele vai comer enquanto não estiveres cá?

– Fósforos, bocados de giz, telegramas e uma lata de sardinhas.

– Não vai conseguir abri-la – disse Claudia.

– Ah, vai, o octopato sabe – disse Jorge. – E o astro, Persio?

– No astro – disse Persio – parece que choveu.

– Choveu, sim – imaginou Jorge –, os formigomens vão ter de entrar nas jangadas. É como no dilúvio mais ou menos, não é?

Persio não tinha a certeza, mas de qualquer forma os formigomens eram capazes de se desenrascar.

– Não trouxeste o telescópio – disse Jorge. – Como é que vamos fazer dentro do barco para vermos o astro?

– Telepatia astral – disse Persio, piscando o olho. – Claudia, você está cansada.

– Aquela senhora de branco – disse Claudia – diria que é da humidade. Bom, Persio, cá estamos. O que é que vai acontecer?

– Ah, isso... Não tive muito tempo para estudar a questão, mas já estou a preparar a frente.

– A frente?

– A frente de ataque. Perante uma coisa, um facto, é preciso atacar de várias formas. As pessoas quase sempre escolhem só uma forma e só obtêm meios resultados. Eu preparo sempre a minha frente e depois faço uma síntese dos resultados.

– Percebi – disse Claudia com um tom que a desmentia.

– É preciso trabalhar o *push-pull* – disse Persio. – Não sei se me faço entender. Há coisas que parecem estar no meio do caminho e é preciso empurrá-las para ver o que existe para além delas. As mulheres, por exemplo, a criança que me desculpe. Mas há umas que é preciso agarrar por uma mão e puxar. Aquele rapaz Dalí sabe o que faz (se calhar não sabe mas vai dar ao mesmo) quando pinta um corpo cheio de caixas. A mim parece-me que há muitas coisas que têm uma pega. Olhe, por exemplo as imagens poéticas. Se uma pessoa olhar à superfície, não vê mais do que o sentido exposto, embora às vezes seja muito hermético. Você dá-se por satisfeita com o sentido

exposto? Não senhor. É preciso puxar a pega, cair dentro da caixa. Puxar é apropriar-se, aproximar-se, ultrapassar-se.

– Ah! – disse Claudia, fazendo um sinal discreto a Jorge para que ficasse calado.

– Aqui, por exemplo, abundam os elementos com significado. Cada mesa, cada gravata. Vejo uma espécie de ordem nesta terrível desordem. E pergunto-me o que isto irá dar.

– Também eu. Mas é divertido.

– O que é divertido é sempre um espectáculo: é melhor não o analisarmos porque vai tocar as raias da obscenidade. Note-se que eu não sou contra o divertimento, mas sempre que me divirto começo por fechar o laboratório e guardar os ácidos e os sais. Ou seja, submeto-me, cedo às aparências. Você sabe muito bem como o humor é dramático.

– Recita ao Persio o verso sobre Garrick<sup>3</sup> – disse Claudia a Jorge. – Ele vai ver como é um bom exemplo para a sua teoria.

– *Vendo Garrick, actor de Inglaterra...* – declamou Jorge aos berros. Persio ouviu-o atentamente e depois aplaudiu. Nas outras mesas também aplaudiram e Jorge corou.

– *Quod erat demonstrandum* – disse Persio. – Claro que eu estava a referir-me a um plano mais óptico, ao facto de que toda a diversão é uma espécie de máscara consciente que acaba por ganhar vida e se sobrepõe ao rosto real. Porque é que o Homem se ri? Não há nada para rir, a não ser do próprio riso. Reparem que as crianças que riem muito acabam a chorar.

– São parvos – disse Jorge. – Queres que eu recite a do mergulhador e da pérola?

– Na varanda, ou, melhor, no convés do navio, com as estrelas a assistir lá no alto, vais poder recitar-me o que quiseres – disse Persio. – Agora gostava de perceber um pouco melhor este projecto semigastronómico que nos rodeia. E aqueles bandoneones, o que significam?

– A Nossa Senhora – disse Jorge, bocejando.

3 Referência ao poema *Reír llorando* do escritor mexicano Juan de Dios Peza. [N. da T.]

## VII

Um *Lincoln* preto, um fato preto, uma gravata preta. O resto, pouco nítido. De dom Galo Porriño, o que mais se via era o motorista de costas imponentes e a cadeira de rodas onde a borracha competia com o cromado. Muita gente parou para ver como o motorista e a enfermeira tiravam dom Galo do carro para o passeio. Nos rostos vislumbrava-se uma certa compaixão pela visível situação do valetudinário senhor. A isso somava-se o facto de dom Galo parecer um frango careca e de ter uma tal superioridade no olhar que dava vontade de lhe cantar a Internacional na cara, coisa que nunca ninguém fizera – segundo afirmou Medrano –, embora a Argentina seja um país livre e a música uma arte fomentada nos melhores círculos.

– Tinha-me esquecido que o dom Galo também ganhou um prémio. Como é que era possível ele não ganhar? Aqui está, nunca imaginei que o velho faria a viagem. É absolutamente incrível.

– Conhece aquele senhor? – perguntou Nora.

– Em Junín, quem não conhecer o dom Galo Porriño merece ser lapidado na bonita praça dos passeios largos – disse Medrano. – Os acasos da minha profissão levaram-me a ter consultório nessa progressista cidade até há uns cinco anos atrás, bons tempos em que pude vir para Buenos Aires. O dom Galo foi um dos primeiros homens ilustres que conheci por lá.

– Parece ser um cavalheiro respeitável – disse o doutor Restelli. – Na verdade, com este carro é um pouco estranho que...

– Com este carro – disse López –, o melhor é atirar o comandante à água e usar o barco como cinzeiro.

– Com esse carro – disse Medrano –, vai-se muito longe. Como vêm, vai-se até Junín e até ao *London*. Um dos meus defeitos é a bisbilhotice, embora tenha de acrescentar em minha defesa que só me interessam certas formas superiores

de bisbilhotice, como por exemplo a história. Que posso eu dizer do dom Galo? (usam este começo certos escritores que sabem muito bem o que vão dizer a seguir). Direi que devia chamar-se Gayo, em breve saberão porquê. Em Junín fica a grande loja Oro y Azul, nome predestinado; mas se os senhores já tiverem feito um pouco de turismo buenairense, coisa de que prefiro duvidar, saberão que na *Veinticinco de Mayo* há outra loja Oro y Azul, e que praticamente em todas as sedes de concelho deste enorme distrito há ouros e azuis nas esquinas mais estratégicas. Resumindo, são milhões de pesos nos bolsos do dom Galo, galego trabalhador que, suponho, terá chegado ao país como quase todos os seus congêneres e que trabalhou com a eficácia que os caracteriza nas nossas pampas propícias ao descanso. O dom Galo vive num palácio em Palermo, paralítico e quase sem família. Uma burocracia bem montada trata da cadeia ouro e azul: os responsáveis, olhos e ouvidos do rei, vigiam, aperfeiçoam, informam e sancionam. Mas agora reparem... Estou a aborrecê-los?

– Ah, não! – disse Nora que bebia as suas palavras.

– Muito bem, então... – continuou Medrano ironicamente, aperfeiçoando o seu estilo que, tinha a certeza, apenas López apreciava a fundo. – Acontece que foi há cinco anos que se celebraram as bodas de diamante de dom Galo com a comercialização de panos, a arte da costura e seus derivados. Os gerentes locais souberam oficiosamente que o patrão esperava que os seus empregados o homenageassem e que tinha intenção de passar em revista todas as suas lojas. Eu naquela altura era muito amigo do Peña, o gerente da sucursal de Junín, que andava preocupado com a visita do dom Galo. O Peña apercebeu-se que a visita era eminentemente técnica e que o dom Galo estava disposto a ver tudo até à última dezena de botões. Resultado de informações secretas, provavelmente. Como todos os gerentes estavam igualmente preocupados, começou uma espécie de corrida ao armamento entre as filiais. No clube fartávamo-nos de rir quando o Peña contava como tinha

subornado dois representantes comerciais para lhe trazerem informações sobre o que se estava a preparar na loja da 9 de Julho ou na de Pehuajó. Ele próprio fazia o que podia e na loja trabalhavam até horas incríveis, os empregados andavam furiosos e assustados ao mesmo tempo.

– O dom Galo começou a sua ronda de auto-homenagem em Lobos, creio, visitou três ou quatro das suas lojas, e num sábado de muito sol apareceu em Junín. Nesse tempo tinha um *Buik* azul, mas o Peña tinha mandado preparar um descapotável, desses que Alexandre haveria de querer para entrar em Persépolis. O dom Galo ficou muito impressionado quando viu que o Peña e uma comitiva o esperavam à entrada da cidade e o convidavam a fazer o percurso num carro descapotável. O cortejo entrou majestosamente na avenida principal; eu, que não perco essas coisas, tinha-me posto na beira do passeio, a pouca distância da loja. Quando o carro se aproximou, os empregados, estrategicamente distribuídos, começaram a aplaudir. As raparigas lançavam-lhe flores brancas e os homens (muito contrariados) agitavam bandeirinhas com a insígnia ouro e azul. De um lado ao outro da rua estava uma espécie de arco do triunfo que dizia: BEM-VINDO DOM GALO. O Peña pagara esta familiaridade com uma noite de insónia, mas o velho gostou da coragem dos seus súbditos. O automóvel parou diante da loja, retumbavam os aplausos (os senhores desculpem estas palavras necessárias mas odiosas) e o dom Galo, como um saguim sentado na ponta do assento, mexia de vez em quando a mão direita para devolver os cumprimentos. Aviso já que ele poderia ter cumprimentado com as duas mãos, mas assim apercebi-me do calibre da personagem e de que o Peña não tinha exagerado. O senhor feudal visitava os seus servos, exigia e avaliava a homenagem com um ar que se situava entre o amável e o desconfiado. Eu dava voltas à cabeça para me lembrar onde é que já tinha visto uma cena como aquela. Não a cena propriamente dita, porque era igual a qualquer recepção oficial, com bandeirinhas e cartazes e ramos de flores. Era o

que ela escondia (e que para mim revelava), qualquer coisa que abarcava os pirosos aterrados, o pobre Peña, a expressão aborrecida e ávida do dom Galo. Quando o Peña subiu a um banquinho para ler o discurso de boas-vindas (do qual confesso que uma grande parte era minha porque é com coisas dessas que uma pessoa se diverte nas pequenas cidades), o dom Galo endireitou-se no seu assento, mexendo afirmativamente a cabeça de vez em quando e recebendo com um frio agradecimento as estrondosas salvas de palmas que os empregados punham exactamente nos sítios que o Peña lhes tinha indicado na noite anterior. No preciso momento em que chegou ao ponto mais emocionante (tínhamos descrito em pormenor as qualidades de dom Galo, *self made man*, autodidacta, etc.), vi que o homenageado estava a fazer um sinal ao gorila motorista que estão ali a ver. O gorila desceu do carro, foi falar a um homem que estava no passeio e este ficou vermelho e disse qualquer coisa ao do lado, que por sua vez tremeu e se pôs a olhar em todas as direcções como se esperasse uma aparição salvadora... Percebi que me estava a aproximar da solução, que iria saber por que razão tudo isto me era tão familiar. *Pediu o penico de prata*, pensei eu. *Gayo Trimalción. Meu Deus, o mundo repete-se, como é possível...* Mas não era um penico, claro, era só um copo de água, um copo bem pensado para humilhar o Peña, para lhe interromper o *pathos* do discurso e recuperar a vantagem que tinha perdido com o truque do descapotável.

Nora não percebeu o fim da história mas foi contagiada pelo riso de López. Roberto tinha acabado de instalar com dificuldade dom Galo junto a uma montra e trazia-lhe uma laranja. O motorista retirara-se e esperava à porta, a conversar com a enfermeira. A cadeira de dom Galo estava a incomodar toda a gente, mas isso parecia fazer muito bem a dom Galo. López estava fascinado.

– Não pode ser. Com uma saúde destas e tanto dinheiro, não vai embarcar só porque é de graça.

– Não é totalmente de graça – disse Medrano. – O bilhete da lotaria custou-lhe dez pesos.

– Na velhice, os homens de acção costumam ter caprichos de adolescente – disse o doutor Restelli. – Eu próprio, excluindo a fortuna, me pergunto se realmente devia...

– Vêm aí uns tipos com bandoneones – disse Lucio. – Será para nós?

## VIII

Via-se que era um café para snobes, com aquelas cadeiras de ministro e os empregados que faziam cara de constipados quando se lhes pedia uma caneca bem tirada e com pouca espuma. Não havia ambiente, o problema era esse.

Atilio Presutti, mais conhecido como Pelusa, enfiou a mão direita nos densos cabelos cor de cenoura e fê-la sair pela nuca depois de um trabalhoso percurso. Depois cofiou o bigode castanho, e depois olhou satisfeito para a sua cara sardenta no espelho da parede. Não contente com isso, tirou um pente azul do bolso superior do casaco e penteou-se com a ajuda das pancadas secas que dava com a mão livre para sublinhar a densidade da cabeleira. Contagiados pela sua acção de embelezamento, dois dos seus amigos começaram a dar um jeito ao cabelo.

– É um café de snobes – repetiu Pelusa. – Quem é que se lembra de fazer a despedida neste sítio?

– O gelado é bom – disse Nelly, sacudindo a lapela de Pelusa para fazer cair a caspa. – Porque é que vestiste o fato azul, Atilio? Só de olhar morro de calor, juro.

– Se o deixasse na mala ficava todo amarrotado – disse Pelusa. – Eu até era capaz de tirar o casaco mas aqui não consigo, não sei porquê. E pensar que nos podíamos ter encontrado no café do Ñato, que é mais simpático.

– Cale-se Atilio – disse a mãe de Nelly. – Não me fale mais de despedidas, depois do que aconteceu no domingo, Oh, meu Deus, cada vez que me lembro...

– Mas não foi nada, dona Pepa – disse Pelusa.

A senhora Presutti olhou com severidade para o filho.

– Como é que dizes que não foi nada? – disse. – Ah, dona Pepa, estes filhos... Não foi nada, não? E o teu pai de cama com a omoplata deslocada e uma entorse no tornozelo

– O que é que isso tem? – disse Pelusa. – O pai é mais forte que uma locomotiva.

– Mas o que é que aconteceu? – perguntou um dos amigos.

– O quê, tu não estavas lá no domingo?

– Não te lembras que não estava? Tinha de treinar para o combate. Quando uma pessoa treina não há festas. Eu avisei-te, lembras-te?

– Agora me lembro – disse Pelusa. – Não sabes o que perdeste, Rusito.

– Houve um acidente, foi?

– E grande – disse Pelusa. – O meu pai caiu do terraço para o pátio e ia-se matando. Ui, meu Deus, que chatice.

– Um acidente, sabe – disse a senhora Presutti. – Conta-lhe, Atilio. A mim faz-me impressão só de me lembrar.

– Coitada da dona Pepa – disse Nelly.

– Coitada – disse a mãe de Nelly.

– Mas não foi nada – disse Pelusa. – O que aconteceu foi que a malta se juntou para se despedir de mim e da Nelly. Aqui a minha mãe fez uns *raviolli* fantásticos e os rapazes trouxeram cervejas e empadinhas. Estávamos mesmo bem no terraço, eu e o meu irmão mais novo montámos o toldo e levámos o gira-discos. Não faltava nada. Quantos seríamos? Pelo menos trinta.

– Mais – disse Nelly. – Eu contei quase quarenta. A comida quase não chegou, lembro-me bem.

– Bom, estávamos mesmo bem, não era como aqui, que parece uma loja de móveis. O meu pai tinha-se sentado à cabeceira da mesa com o dom Rapa ao lado, o do estaleiro. Tu sabes como o meu pai gosta dos copinhos. Olha, olha, a cara da minha mãe. Não é verdade. Diga lá? Que mal é que tem? O que eu sei é que quando trouxeram as bananas estávamos bastante

tocados mas o meu pai era o pior. Cantava, meu Deus! Naquele momento lembrou-se de brindar à viagem, levantou-se com a cerveja na mão, e quando ia começar a falar teve um ataque de tosse, atirou-se assim, para trás, e caiu directamente para o pátio. Que impressão que me fez o barulho, coitado do velho. Parecia um saco de batatas, juro-te.

– Coitado do dom Pipo – disse Rusito enquanto a senhora Presutti tirava um lençinho da carteira.

– Está a ver, Atílio? Já pôs a sua mãe a chorar – disse a mãe de Nelly. – Não chore, dona Rosita. Ao fim e ao cabo não foi nada.

– Exactamente – disse Pelusa. – Mas foi a maior confusão. Descemos todos lá para baixo, eu tinha a certeza de que o meu pai tinha partido a cabeça. As mulheres choravam, foi um pratinho. Eu disse à Nelly para desligar o gira-discos e a dona Pepa teve de acudir à minha mãe, que estava a ter um ataque de nervos. Coitada, contorcia-se toda.

– E o dom Pipo? – perguntou Rusito, ávido de sangue.

– O meu pai é um fenómeno – disse Pelusa. – Eu quando o vi caído na tijoleira sem se mexer pensei «ficaste órfão de pai». O meu irmão mais novo foi chamar a ambulância e entretanto despimos a camisa ao meu pai para ver se ele respirava. A primeira coisa que fez quando abriu os olhos foi levar a mão ao bolso para ver se não lhe tinham gamado a carteira. O velho é assim. Depois disse que lhe doíam as costas mas que não era nada. E eu feliz da vida, queria continuar com a festa. Lembra-se, mãe, quando a fomos buscar para lhe mostrarmos que não era nada? Que coisa, em vez de se acalmar teve um ataque duas vezes pior.

– Impressionou-se – disse a mãe de Nelly. – Uma vez, em minha casa...

– Resultado, quando a ambulância chegou já o meu pai estava sentado no chão e nós a rir como uns loucos. Infelizmente os enfermeiros não o quiseram deixar lá em casa. Acabaram por levá-lo, coitado, e então, olha, aproveitei quando um deles

me pediu para lhe assinar um papel qualquer e obriguei-o a observar-me este ouvido que às vezes parece que fica tapado.

– Incrível – disse Rusito, impressionado. – Olha lá o que eu perdi. Que pena ter sido logo no dia do meu treino.

Outro dos amigos, enfiado num enorme colarinho engomado, levantou-se de repente.

– Olha quem vem lá, miúdo! Fantástico!

Solenes, brilhante o cabelo, impecáveis os fatos aos quadrados, os bandoneonistas da orquestra de Asdrúbal Crésida abriam caminho entre as mesas cada vez mais concorridas. Atrás deles entrou um jovem vestido de cinzento-claro e camisa preta, que prendia a sua gravata creme com um alfinete em forma de emblema de futebol.

– É o meu irmão – disse Pelusa, embora ninguém desconhecesse o pequeno pormenor. – Já percebeste? Veio fazer-nos uma surpresa.

O conhecido intérprete Humberto Roland chegou à mesa e acenou efusivamente a toda a gente, excepto à sua mãe.

– Fantástico, miúdo – disse Pelusa. – Arranjaste quem te substituísse na rádio?

– Desculpei-me com uma dor de dentes – disse Humberto Roland. – É a única maneira de não me descontarem no ordenado. Aqui os colegas da orquestra também quiseram vir despedir-se.

Cumprindo ordens, Roberto juntou mais uma mesa e quatro cadeiras, o artista pediu um mazagrã e os instrumentistas quiseram todos cerveja.

## IX

Paula e Raúl entraram pela porta da rua Florida e sentaram-se numa mesa ao lado da montra. Paula quase não olhou para o interior mas Raúl divertia-se a adivinhar quem seriam, de entre tantos suados portenhos, os prováveis companheiros de viagem.

– Se eu não tivesse a convocatória no bolso diria que isto era uma brincadeira de um amigo qualquer – disse Raúl. – Não achas que é incrível?

– Por enquanto só sinto calor – disse Paula. – Mas concordo que a carta vale a viagem.

Raúl desdobrou o papel creme e resumiu:

– Às 18 horas neste café. A bagagem será recolhida ao domicílio de manhã. É favor não comparecer acompanhado. Tudo o resto será por conta da *Dirección de Fomento*. Como lotaria, temos de reconhecer que isto traz água no bico, porque neste café, vou-te contar.

– Eu já há algum tempo que desisti de perceber isto – disse Paula. – Só sei que ganhaste um prémio e que me convidaste, tirando-me definitivamente da lista *Quem é quem na Argentina*.

– Pelo contrário, esta viagem enigmática vai dar-te prestígio. Podes falar de um retiro espiritual, dizer que estás a trabalhar numa monografia sobre Dylan Thomas, poeta de serviço nos cafés literários. Pela parte que me toca, considero que o maior encanto de toda a loucura é que acaba sempre mal.

– Sim, às vezes isso pode ter encanto – disse Paula. – *Le besoin de la fatalité*, como se diz.

– Na pior das hipóteses será um cruzeiro como outro qualquer, só que não se sabe muito bem para onde. Duração, 3 a 4 meses. Confesso que esse pormenor me convenceu. Até onde é que nos podem levar em tanto tempo? À China, por exemplo?

– A qual das duas?

– Às duas, para fazer justiça à tradicional neutralidade argentina.

– Oxalá, mas vais ver que nos levam até Génova e daí vamos de autocarro percorrer a Europa toda até ficarmos arrasados.

– Duvido – disse Raúl. – Se fosse isso, tinham-no anunciado com grandes parangonas. Só vamos saber qual foi a confusão que inventaram quando estivermos a embarcar.

– De qualquer forma – disse Paula –, devem ter dito alguma coisa sobre o itinerário.

– Totalmente imprevisível. Uns vagos termos contratuais de que já não me lembro, umas insinuações para despertar o nosso espírito de aventura e de risco. Resumindo, uma agradável viagem condicionada pelas circunstâncias mundiais. Quer dizer que não nos vão levar à Argélia nem a Vladivostok nem a Las Vegas. A grande astúcia foi aquilo das licenças com vencimento. Qual é o burocrata que resiste? No orçamento de um viajante isso também conta. Dólares, imagina, dólares.

– E o facto de me poderes convidar a mim.

– Com certeza. Para ver se o ar salgado e os portos exóticos curam os problemas de amor.

– Sempre deve ser melhor do que o gardenal – disse Paula olhando para ele. Raúl olhou-a também. Ficaram assim por um momento, imóveis, quase desafiando-se.

– Vamos – disse Raúl. – Agora deixa-te de parvoíces. Tu prometeste.

– Claro – disse Paula.

– Dizes sempre «claro» quando está tudo mais do que escuro.

– Ouviste o que eu disse: sempre deve ser melhor do que o gardenal.

– Está bem, *on laisse tomber*.

– Claro – repetiu Paula. – Não te chateies, meu querido. Estou a agradecer-te, acredita. O teu convite tirou-me de um pântano, embora acabe com a minha escassa reputação. A sério, Raúl, acredito que a viagem me vai servir para alguma coisa. Sobretudo se nos estivermos a meter numa situação absurda. Vamos rir muito.

– Pelo menos é diferente – disse Raúl. – Estou um bocado farto de projectar *chalets* para pessoas como as da tua família ou da minha. Concordo que esta situação é bastante parva e que não resolve nada, só adia. Depois voltamos e será tudo como antes. Mas se calhar é ligeiramente menos ou mais do que antes.

– Nunca entendi por que é que não aproveitaste para viajar com um amigo, com alguém mais próximo do que eu.

– Talvez por isso, *milady*. Para que a proximidade não continuasse a prender-me à grande capital do sul. Além de que a proximidade, tu sabes como é...

– Acho que tu – disse Paula olhando-o nos olhos – és um grande homem.

– Obrigado. Não é verdade, mas dito por ti parece real.

– E também acho que a viagem vai ser muito divertida.

– Muito.

Paula respirou fundo. De repente, assim, uma espécie de felicidade.

– Trouxeste comprimidos para o enjoo? – perguntou.

Mas Raúl estava a olhar para um aglomerado de jovens estrepitosos.

– Meu Deus – disse. – Parece que um deles vai começar a cantar.

## A

*Aproveitando a conversa materno-filial, Persio pensa e observa à sua volta, e a cada presença atribui o logos ou do logos extrai o fio, e do miolo o pequeno rasto subtil com vista para o espectáculo que deverá – assim ele queira – abrir-lhe a porta para a síntese. Desiste Persio sem esforço das figuras adjacentes à sequência central, calcula e reúne o naipe importante, trespassa e fustiga as circunstâncias, separa e analisa, afasta e põe na balança. O que vê adquire um relevo que provocaria uma febre fria, uma alucinação sem tigres nem coleópteros, um ardor que persegue a sua presa sem saltos de macaco nem cisnes de ecolalia. Já ficaram fora do café os figurantes que assistem à partida (mas agora fala-se de jogo), sem saberem onde é a paragem. Persio está a gostar de isolar na lamela a breve constelação dos que ficam, dos que vão realmente viajar. Não sabe mais do*

*que eles sobre as regras do jogo, mas sente que estão a nascer ali mesmo em cada um dos jogadores, como um tabuleiro infinito entre adversários mudos, para bispos e cavalos como delfins e sátiros brincalhões. Cada jogada uma naumaquia, cada movimento um rio de palavras ou de lágrimas, cada casa um grão de areia, um mar de sangue, uma brincadeira de esquilos ou um fracasso de jograis que circulam por um prado de casca-véis e aplausos.*

*Assim um arranjo municipal de boas intenções orientadas para a beneficência e talvez (sem o saberem certamente) para uma ciência obscura na qual a sorte, o destino dos agraciados, tornou possível esta reunião no London, este pequeno exército do qual Persio tenta adivinhar quem são os soldados da frente, os furriéis, os traidores e talvez os heróis, observa cuidadosamente as distâncias entre aquário e montra, os fios gelados de tempo que separam um olhar de homem de um sorriso vestido de bâton, a incalculável distância dos destinos que subitamente se amontoam num encontro, a mistura quase assustadora de seres sozinhos que se encontram de repente vindos de táxis e estações e amantes e escritórios, que são já um só corpo que ainda não se reconhece, não sabe que é o estranho pretexto de uma confusa saga que talvez em vão se conte ou não se conte.*

## X

— E assim — disse Persio suspirando — somos de repente, se calhar, uma só coisa que ninguém vê, ou que alguém vê ou que alguém não vê.

— Você sai-se com umas coisas vindas do nada — disse Claudia — e quer que eu perceba. Dê-me primeiro umas ideias aproximadas. Ou será que a sua frente de ataque é obrigatoriamente hermética?

— Não, nada disso — disse Persio. — Só que é mais fácil ver do que contar o que se viu. Eu agradeço-lhe imenso por me ter

dado a oportunidade de fazer esta viagem, Claudia. Vou sentir-me tão bem consigo e com o Jorge. O dia todo no convés a fazer ginástica e a cantar, se é que é permitido.

– Nunca andaste de barco? – perguntou Jorge.

– Não, mas li os romances de Conrad e de Pío Baroja, autores que irás admirar daqui a uns anos. Não acha, Claudia, que quando nos envolvemos numa actividade renunciamos a qualquer coisa de nós mesmos para fazermos parte de uma máquina quase sempre desconhecida, uma centopeia de que somos apenas um anel e duas patas, no sentido locomotor do termo?

– És uma pata! – gritou Jorge entusiasmado.

– É, mas não é o que estás a pensar. Persio, parece-me que sem isso a que você chama renúncia não seríamos grande coisa. Já somos muito passivos, aceitamos muito o destino. Uns espertinhos, quando muito, ou como esses pseudo-santos cheios de ideias peregrinas.

– A minha observação não era axiológica e muito menos normativa – disse Persio com o seu ar mais petulante. – Na verdade, o que fiz foi cair num unanimismo já fora de moda, mas procuro vê-lo numa outra perspectiva. Toda a gente sabe que um grupo é ao mesmo tempo mais e menos do que a soma das suas partes. O que eu gostaria de saber, se pudesse situar-me dentro e fora desse grupo – e acredito que é possível –, é se a centopeia humana responde a alguma coisa para além do acaso na sua constituição e na sua dissolução; se é uma figura, num sentido mágico, e se essa figura é capaz de se deslocar em certas circunstâncias em planos mais essenciais do que os planos dos seus membros isolados. Uf!

– Mais essenciais? – disse Claudia. – Vejamos primeiro esse vocabulário suspeito.

– Quando olhamos para uma constelação – disse Persio – temos uma espécie de certeza de que a harmonia, o ritmo que une as suas estrelas e que somos nós que criamos, claro, mas criamos porque ali há qualquer coisa que determina essa

harmonia, é mais profunda, mais substancial do que a presença isolada das suas estrelas. Nunca reparou que as estrelas soltas, as infelizes que não conseguem integrar-se numa constelação, parecem insignificantes ao lado dessa escrita indecifrável? Não são só motivos astrológicos e mnemónicos que justificam a sacralização das constelações. O Homem deve ter sentido desde sempre que cada uma delas era como um clã, uma sociedade, uma raça: algo activamente diferente, quem sabe até antagónico. Já houve noites em que vivi a guerra das estrelas, o seu jogo insuportável de tensões. E olhe que no terraço da pensão não se vê lá muito bem, há sempre fumo no ar.

– Costuma observar as estrelas com um telescópio, Persio?

– Ah, não – disse Persio. – Sabe, há certas coisas que é preciso ver à vista desarmada. Não que eu me oponha à ciência, mas penso que só uma visão poética pode abarcar o sentido das figuras que os anjos escrevem e compõem. Esta noite, aqui neste pobre café, pode estar uma dessas figuras.

– Onde está a figura, Persio? – disse Jorge olhando para todos os lados.

– Começa com a lotaria – disse Persio muito sério. – Um jogo de bolinhas elegeu uns quantos homens e mulheres entre umas centenas de milhar. Por sua vez os vencedores escolheram os seus acompanhantes, coisa que, pela parte que me toca, agradeço muito. Repare, Claudia, não há nada de pragmático nem de funcional na construção da figura. Não somos a grande rosácea na catedral gótica mas apenas a instantânea e efémera petrificação da rosa do caleidoscópio. Mas antes de ceder, de se desfolhar perante uma nova rotação caprichosa, que jogos poderão ser jogados entre nós? Como se combinarão as cores frias e as quentes, os lunares e os mercurianos, os humores e os temperamentos?

– De que caleidoscópio é que estás a falar, Persio? – disse Jorge.

Ouviu-se alguém a cantar um tango.

## **O primeiro romance publicado de Cortázar, até hoje inédito em Portugal, que antecipou *O Jogo do Mundo – Rayuela*.**

Um grupo rumoroso e heterogéneo de personagens, espécie de catálogo representativo da sociedade de Buenos Aires da época, premiado na lotaria nacional com um bilhete para uma viagem luxuosa de cruzeiro, embarca no navio *Malcolm*, cheio de expectativas. Contudo, entre distrações e atracções iniciais, um clima de mistério faz crescer a tensão entre os passageiros e a tripulação: o navio é colocado em quarentena devido a uma inexplicável doença, a rota e o destino final da viagem são desconhecidos, o capitão não se apresenta e nenhum dos membros da tripulação fala espanhol e, sobretudo, o acesso à popa da embarcação está interdito aos passageiros.

Todas estas absurdas circunstâncias constituirão um irresistível desafio para os hóspedes deste navio que os levará a um jogo cada vez mais perigoso e com um final surpreendente.

O alternar entre narração e reflexão, a vivacidade dos diálogos, o absurdo e a comicidade das personagens, fazem de *Os Prémios* um romance desconcertante e uma leitura ímpar, inevitável antecâmara de toda a obra subsequente de Cortázar.



cavalo de ferro